



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

RAFAEL DA COSTA ALBUQUERQUE

**DESAFIOS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DO RAMAL DO BACURI, EM CURSOS
DE LICENCIATURA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, CAMPUS DE
ABAETETUBA**

ABAETETUBA-PA
2025

RAFAEL DA COSTA ALBUQUERQUE

**DESAFIOS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DO RAMAL DO BACURI, EM CURSOS
DE LICENCIATURA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, CAMPUS DE
ABAETETUBA**

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do grau em
licenciatura plena em pedagogia da Universidade Federal do
Pará, Campus de Abaetetuba.

ABAETETUBA-PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A345d Albuquerque, Rafael da Costa Albuquerque.
Desafios de estudantes quilombolas do ramal do Bacuri, em cursos de licenciatura na Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba afios de / Rafael da Costa Albuquerque Albuquerque. — 2025.
17 f.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana Campus Pojo Toutonge
Coorientação: Prof^a. Dra. Eliana Campus Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2025.
1. Desafios na graduação . 2. Comunidade quilombola. 3. Universidade federal do Pará . 4. Discentes quilombolas . 5. Formação . I. Título.

RAFAEL DA COSTA ALBUQUERQUE

DESAFIOS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DO RAMAL DO BACURI,
EM CURSOS DE LICENCIATURA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ,
CAMPUS DE ABAETETUBA

Data de aprovação: _03___ / _06___ / 2025___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. ELIANA CAMPOS POJO TOUTONGE

Orientadora – UFPA

Prof. Dr. JOAO PAULO DA CONCEIÇÃO ALVES

Examinador interno -UFPA

DESAFIOS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DO RAMAL DO BACURI, EM CURSOS DE LICENCIATURA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, CAMPUS DE ABAETETUBA

Rafael da Costa Albuquerque¹
Eliana Campos Pojo Toutonge²

RESUMO

Este artigo discute o processo de formação a nível de graduação de estudantes quilombolas da comunidade Ramal do Bacuri na UFPA - Campus Abaetetuba, em interface ao reconhecimento étnico e da pessoa. O estudo busca compreender a importância do Processo Seletivo Especial (PSE) para a inclusão desse grupo étnico bem como identificar os desafios encontrados no processo formativo de estudantes quilombolas. Trata de uma pesquisa centrada na abordagem qualitativa, dirigida por aprofundamento bibliográfico, documental e com o uso de entrevistas junto aos estudantes, duas mulheres e um homem. Os resultados apontam um processo formativo sendo materializado por desafios e possibilidades. Os desafios se dão desde o momento da inscrição com a Declaração de Pertencimento à Comunidade Quilombola e segue pela formação de até mais de quatro anos, em que os estudantes precisam diariamente demonstrar resiliência no enfrentamento de dificuldades da ordem econômica, racista, familiar entre outras afirmando-os para si próprios que são capazes de estar ali e legitimar direitos. Como possibilidades constam o valioso apoio da Associação do Discente Quilombola e o reconhecimento étnico quilombola ocorre em outros espaços como no contexto de sala de aula, nas vivências nos territórios.

Palavras-chave: Formação; Ensino Superior; Estudante Quilombola; Percurso Formativo.

¹ Estudante de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

² Docente da UFPA. Orientadora deste Trabalho de Curso.

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica de estudantes quilombolas no Brasil apresenta desafios que vão além do acesso a uma graduação, estão marcados por condicionantes tradicionais do ensino superior no país e na região. Diz respeito à garantia de direito à educação para todas as pessoas, indistintamente. No caso de estudantes quilombolas são desafios associados ao reconhecimento étnico e à valorização da identidade pessoal no ambiente universitário.

Atualmente os grupos étnicos como o quilombola, têm acesso ao ingresso na UFPA pela política de cotas, a chamada política de ação afirmativa, no sentido de ter seus direitos garantidos. Precisamente, o Processo Seletivo Especial (PSE), além de ser uma

forma específica de ingresso no curso superior, faz-se importante pela busca de equidade de grupos étnicos e minoritários, lhes dando vez e voz em uma sociedade, socialmente, excludente e preconceituosa. Amoras (2018), afirma que pessoas vivendo processos de subalternização e consideradas analfabetas ingressam na graduação, legitimando o lugar na sociedade em geral.

O presente estudo, também se baseia na Lei 10.639/2003 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira na Educação Básica, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, que orienta os sistemas de ensino, em regime de colaboração, e em parceria com instituições de Educação Superior a desenvolver uma política nacional de formação de professores/as quilombolas.

Precisamente, neste texto o tema é a formação acadêmica de estudantes quilombolas oriundos da comunidade do Ramal do Bacuri, área rural de Abaetetuba, Pará, com foco nos desafios vividos em cursos de graduação no Campus Universitário de Abaetetuba, na maior Universidade da região Norte - Universidade Federal do Pará (UFPA).

Partimos da seguinte pergunta de pesquisa: que desafios são enfrentados por estudantes quilombolas da comunidade Bacuri em sua trajetória acadêmica e formativa, na perspectiva do reconhecimento étnico e da pessoa? E como objetivo geral: Analisar o processo de formação e identitário de discentes na graduação de quilombolas da comunidade Ramal do Bacuri na UFPA - Campus de Abaetetuba. Como objetivos específicos: discutir a importância do Processo Seletivo Especial (PSE) para a inclusão

formativa dos discentes, na perspectiva do reconhecimento étnico e da pessoa durante a sua formação acadêmica.

A escolha do tema foi devido considerar-me quilombola e ter ingressado na referida Universidade pelo processo seletivo supracitado, por isso, senti na pele os desafios da formação acadêmica no curso de Licenciatura em Pedagogia. Além disso, por presenciarmos lutas dos movimentos sociais, em especial da Associação da Comunidade Remanescentes de Quilombos do Ramal do Bacuri (ARQUIBA), da Associação de Mulheres Quilombolas Agroextrativistas da Comunidade Ramal do Bacuri (Raízes do Bacuri), e da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA) que estiveram em marcha a favor de uma educação para todas as pessoas e dentro da diferença, em defesa da cultura quilombola e dos saberes tradicionais desse grupo étnico.

Galgando compreender o valor de uma educação diferenciada como direito do povo quilombola, meu processo formativo ajudou-me a ampliar o olhar sobre o sistema de educação brasileiro, por isso também enveredar pela discussão e aprofundamento acerca da normatividade das leis e do contexto da formação de discentes da UFPA, com os desafios em termos de acesso, da permanência e conclusão do curso de graduação. Ainda, aprofundar sobre questões que dialogam com a luta por reconhecimento e valorização da identidade quilombola.

Nesse sentido, a central neste estudo é a formação a nível superior em vista da promoção da diversidade na sociedade, embora saibamos o quanto esse “cenário educacional encontra-se com práticas de racismo institucional e a baixa qualidade da educação básica recebida exacerbam as dificuldades de permanência desses alunos” (Amoraset *al.*, 2022, p. 39).

Em síntese, este artigo discute o percurso formativo dos estudantes quilombolas do Ramal do Bacuri na UFPA, destacando as especificidades e os desafios que permeiam essa experiência acadêmica e pessoal.

Aspectos Metodológicos

A pesquisa foi realizada com estudantes quilombolas do Ramal do Bacuri, localizado na PA-151, área rural de Abaetetuba. A comunidade passou a ser intitulada como território quilombola em 2009, pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), e cuja extensão territorial é de 854.4893ha.

Nesta comunidade existem duas associações, a ARQUIBA, que tem como presidente o senhor Zarico Pereira Gonçalves e a RAÍZES DO BACURI, com a coordenação da senhora Marciane Batista Pastana. Ambas as associações lutam pelo bem viver dos moradores, inclusive, neste momento a comunidade vem pautando a luta em defesa de uma educação de qualidade que valorize os saberes, além da saúde e de investimentos na agricultura familiar. Trata-se de uma comunidade tradicional de floresta, por isso também vem defendendo seu território contra os desmatamentos e das ameaças quanto aos seus modos de vida.

De acordo com ITERPA (2022) no território vivem cerca de 125 famílias³ contabilizado com base no quantitativo de casas, totalizando cerca de 500 pessoas. Essas famílias desenvolvem atividades com o extrativismo, com o plantio da mandioca e com

a produção da farinha, que além do consumo familiar, os moradores levam para ser vendida na cidade e até, para outros municípios. Eles também trabalham com a colheita do açaí no período da safra, e na criação de aves, porcos.

A comunidade vivencia um modo de vida baseado em práticas culturais e ancestrais de transmissão e ensinamentos de geração em geração, como por exemplo, os festejos de São Benedito, padroeiro local. De manifestações evangélicas por meio de cultos e ações sociais para pessoas que se encontram enfermas, auxiliando-as com cestas básicas ou mutirões para construções de casas.

Em relação à escolaridade, existem na comunidade nove pessoas com o Ensino Superior, desses, quatro são formados pela UFPA-Campus de Abaetetuba e, cinco, são formados pela UFPA, Campus Belém. As demais possuem Ensino Médio e o Ensino Fundamental, sendo a maioria que não possui escolaridade, porém, possui ricos saberes.

A pesquisa enveredou na abordagem qualitativa, no sentido de refletir sobre os processos, aprendizados e situações do dia a dia quanto ao ingresso no ensino superior como quilombola na UFPA. Nessa direção, a investigação permeou a pesquisa bibliográfica a partir de livros, dissertações e artigos científicos que tratam da temática.

Concomitante, foi realizada a pesquisa documental, para catalogação dos dados quanto aos estudantes de ensino superior bem como os documentos da legislação vigente relacionados ao PSE, com os editais 2018 e 2019. Tais documentos e legislações visaram

³ Dados da Agente Comunitária de Saúde (ACS) que atua na comunidade, deste ano.

compreender as medidas de acesso e inclusão no ensino superior, especialmente no que tange à formação acadêmica e de reconhecimento étnico.

Ainda, realizamos uma rápida pesquisa de campo na comunidade junto de estudantes cursando graduação na UFPA. E como forma de coletar os dados, realizamos entrevistas com roteiro previamente estruturado, visando captar o processo vivenciado durante a formação. Segundo Minayo (2007, p. 64), essa modalidade de entrevista “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Desse modo, os dados de entrevistas⁴ semiestruturadas com estudantes, visando captar os desafios como a questão central da investigação.

Em campo, percorri as residências em busca de convidar alguns estudantes da comunidade e, em especial, discentes com os quais havia certa proximidade por morar na comunidade, para que pudessem participar da pesquisa. Naquele momento, explicava do

que se tratava e se eles poderiam ajudar com o estudo. Esse primeiro encontro ocorreu as entrevistas com os discentes em janeiro de 2025. Realizando entrevistas com alguns estudantes nas suas residências e, outras, no local de trabalho. Cada entrevista durou em torno de 60 minutos, logo, foi finalizada no mesmo dia. Para realizá-las, levei em conta o tempo deles/delas, e deixei-os à vontade com as perguntas. As entrevistas foram gravadas, e fiz também anotações no caderno de campo. As questões perpassaram pelos objetivos da pesquisa, ou seja, focou nos desafios de ser estudante quilombola em relação à vida acadêmica e de identidade quilombola, na instituição superior.

No decorrer das entrevistas, pude ouvir e compartilhamos desafios enfrentados como estudantes quilombolas na trajetória acadêmica. Nesse sentido, como morador da comunidade e como estudante da UFPA pelo PSE de 2019, trago minha própria experiência para compor a discussão da temática, assim por vezes, aparece o meu próprio percurso formativo na UFPA. Além, de mais dois discentes da referida comunidade e mesma instituição.

Visando preservar a identificação dos estudantes, os mesmos foram nomeados no texto como (D1), (D2) e (D3), resguardando sua integridade, não declarando seus

⁴ Os dados foram devidamente autorizados pelos estudantes que contribuíram com a pesquisa.

respectivos nomes e suas informações pessoais. Sendo D1 e D2 do sexo feminino e, o D3, do sexo masculino.

A discente D1 tem 43 de idade e é membro da família Pastana. Cursa Licenciatura em Pedagogia (concluinte), ingressante pelo PSE de 2019. Ela trabalha no posto médico de saúde da comunidade.

A D2 tem 29 de idade, é estudante do curso de Licenciatura em Matemática (5º semestre), e pertence à família Fagundes. Estuda e ajuda os familiares nos afazeres de casa e da agricultura, seu ingresso foi pelo PSE de 2019.

O D3 é o autor deste trabalho, da família Albuquerque. Com 25 anos, e na fase final do curso de Licenciatura em Pedagogia, sua entrada foi em 2019. Atualmente, trabalha com montagem de embarcações no bairro de Frâncilândia, Abaetetuba.

Vale ressaltar que a análise foi elaborada com base nos dados coletados, associado ao referencial de base e considerando as questões da pesquisa. Houve, então, o uso dos depoimentos das entrevistas, buscando uma análise das interfaces que rodeiam a temática.

1. A INCLUSÃO DE QUILOMBOLAS NO ENSINO SUPERIOR

A política de ação afirmativa representa, hoje no Brasil e, especificamente, no Pará, a igualdade com equidade de oportunidades e, por outro lado, aciona o combate à discriminação (Campos, 2016). Elas promovem formas de incluir grupos étnicos que, de alguma forma, foram historicamente excluídos da sociedade como as mulheres, as pessoas com deficiência, os negros, os indígenas etc.

No que tange ao grupo étnico quilombola, Campos (2016, p. 19) ressalta que a escolarização desse grupo em nível de Brasil, “ocorreu de maneira diferenciada ao longo dos séculos constituída por elementos de dominação, exclusão até que se efetivasse a instrução escolar”, assim para a autora esse grupo passou por adestramento, violência, entre outras formas de negação do humano.

O certo é que a presença do quilombola nas instituições de ensino marca lutas até hoje, com processos históricos ressoantes em cada período, como na década de 1960 com os movimentos sociais de destaque no Brasil, principalmente, contra o regime da Ditadura Militar. Nas décadas de 1970, com o Movimento Unificado Negro em busca de direitos à saúde, educação, por meio de políticas afirmativas, sendo medidas importantes com o

intuito de combater a discriminação promovendo a equidade para grupos sociais historicamente desfavorecidos, como os quilombolas (Campos, 2016).

A Lei nº 12.288/2010- Estatuto da Igualdade Racial e a nº 7.716/1989 – Lei do Crime Racial ou Lei Antirracismo, são leis que amparam os grupos étnicos negros no Brasil. A primeira, defende os direitos étnico-raciais e combate à discriminação, além de estabelecer políticas de promoção da igualdade racial e reparação para as vítimas de racismo, assegurando o direito a participar de atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer (Brasil, 2010). A segunda define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, tornando puníveis as práticas discriminatórias (Brasil, 1989).

A Resolução nº 4.309, de 27 de agosto de 2012 da UFPA, aprova a reserva de vagas em curso de graduação aos estudantes quilombolas. A inclusão de quilombolas no ensino superior na UFPA, Campus Abaetetuba, começa com esta resolução, como se pode verificar em seu art.1º: Art. 1º Fica aprovada a reserva de duas vagas, por acréscimo, em favor dos quilombolas, no PSE para ingresso nos cursos de graduação da referida instituição (UFPA, 2012, p. 1).

Assim, esse o vestibular por esta resolução foi algo bastante importante, sendo o Edital nº 6 do primeiro vestibular foi divulgado no dia 26 de outubro de 2018, para realização do PSE, em 2019.

Nessa seleção a reserva de vagas para estudantes quilombolas preenchia até duas vagas em cada curso de graduação da UFPA, sendo o processo seletivo composto de duas fases, a primeira com redação e, a segunda, com entrevista individual realizada por membros de uma comissão avaliadora (Edital PSE, 2018, p. 4).

Como já dito, este processo seletivo afirma o ingresso de quilombolas na UFPA - Campus Abaetetuba. Para o D2, essa forma de ingresso configurou-se na porta de entrada para pessoas quilombolas de qualquer idade. Uma forma de incluir pessoas de grupos excluídos por muito tempo da sociedade e por aquelas que não tiveram a oportunidade de estudar, de pessoa “que trabalhou a vida toda na roça e, ainda, por ser filha de pobre sem condições de ir para a cidade estudar. O PSE é uma oportunidade para o povo quilombola” (D2).

O PSE é fundamental para o ingresso do estudante e para toda a comunidade, nesse sentido esse mesmo graduando fala a respeito.

A gente vê muitas comunidades distantes do centro da cidade, sem o acesso à internet, à informação, e que atrasa a pessoa de estudar, se capacitar ou passar no Enem e poder incluir essa pessoa no ensino superior. O PSE vem para isso, para incluir, te ajudar de maneira acessível a entrar na graduação.

Por meio de uma entrevista, com a redação, com os dados retratando a vivência da sua comunidade. Quando passei, tive que falar um pouco sobre a minha vivência como pessoa que mora em zona rural. Falar da minha família, do meu próprio sustento, e isso foi importante porque é o que a gente vive no dia a dia, na rotina e tudo retrata a realidade da comunidade. O PSE traz a importância da comunidade quilombola, a experiência como pessoa, como morador, isso é incluir a pessoa propriamente no ensino superior (D2).

Então, se respalda por este relato o PSE como uma conquista valiosa para as populações quilombolas, indígenas, ribeirinhas, extrativistas, assentadas, porque de forma especial faz inclusão de jovens, adultos e até idosos. De acordo com Amoras (2018) o PSE é de suma importância para os povos indígenas e quilombolas, pois ele traz a perspectiva da igualdade para esses povos e não apenas de “inclusão”. E mais, para “os alunos quilombolas, o PSE vai muito além de ter uma graduação, e com isso um bom emprego; é a busca por superar a desigualdade social gerada por séculos de escravidão” (Amoras, 2018, p. 17). Nesse sentido, fica nítido o sentido político desse processo na vida dessas pessoas, onde avistam outro caminho, avistam mudar de vida por meio da educação.

De acordo com o edital (2023) a forma de ingresso no PSE, ocorre inicialmente por meio da inscrição, nesta fase também é exigido uma Declaração de Pertencimento Étnico.

A Declaração de Pertencimento à Comunidade Quilombola deverá conter informações sobre vínculo de pertencimento, atuação e residência ou não do (a) candidato (a) na comunidade, e ser emitida e assinada por três membros da Diretoria da Associação que representa legalmente a comunidade, fornecendo-se os números de CPF das respectivas lideranças (Edital PSE2023, p. 1).

Todos esses elementos são parte do contexto que envolve a inclusão dos quilombolas no Ensino Superior. No âmbito dessa declaração, consideramos relevante por ser um documento que respalda a diversidade, mas na prática vem gerando desafios como a falta de padronização, a subjetividade na identificação étnica e a possibilidade de conflitos de interpretação, além de poder ser usada para fins discriminatórios conforme assevera Munanga (2022).

A inclusão de quilombola em cursos de graduação, por meio do PSE tem possibilitado pessoas que estavam muito tempo sem estudar, de ingressar novamente e, também, o ingresso de jovens, ambos com o desafio de sair de sua comunidade bem como outros tantos complicadores como a questão financeira. Então, o PSE “é uma porta, uma oportunidade para que essa pessoa estude e possa ser incluída dentro do curso de graduação, dentro da Universidade. Uma porta de entrada para a realização de sonhos

de muitas pessoas” (D2). O ingresso marca um sonho pensado e colocado em prática, de ingressar no Ensino Superior como “uma conquista ímpar em que posso aprender a valorizar as diferentes culturas, de outras pessoas e, também, posso levar a minha cultura para dentro da universidade” (D2).

2. ASPECTOS DA IDENTIDADE QUILOMBOLA E DA FORMAÇÃO ACADÊMICA POR ESTUDANTES DA COMUNIDADE DO BACURI

Nesta parte, a idéia é apresentar os desafios vividos na Universidade, com base nos dados da pesquisa, logo, com a visão dos sujeitos quilombolas da comunidade Bacuri a respeito do processo de formação na graduação na UFPA - Campus Abaetetuba, em interface ao reconhecimento étnico e da pessoa.

Início então, trazendo meu percurso acadêmico e pessoal. Posso dizer que passei por dificuldades e aprendizados na formação da graduação. Algo que me desgastava era a rotina de ter que acordar muito cedo para pegar o ônibus escolar e seguir até o campus⁵ para estudar. Mas, diante da dificuldade vinha na cabeça que eu sou de uma família pobre e que podia chegar lá. Os meses e anos se passaram, e nesse percurso tive

acesso ao auxílio da Bolsa Permanência, e a partir daí as coisas melhoraram, pois não precisava acordar tão cedo para pegar o ônibus escolar, agora podia pegar outro ônibus que passava mais tarde porque podia pagar a passagem, sem contar que o auxílio ajudou na alimentação e a comprar materiais do curso. Vale ressaltar que os ingressantes na Universidade por PSE, em sua maioria, se cadastram ao Programa Bolsa Permanência do Ministério da Educação (MEC).

Por vezes, precisei ficar na casa de parentes, passando a semana na cidade e indo apenas aos finais de semana para comunidade. Esse ir e vir comunidade-cidade-campus foi uma situação concreta que gerou um desgaste físico e emocional, a ponto de não conseguir acompanhar a rotina acadêmica a contento, assim, por vezes, tive uma queda no meu desempenho.

Nesse percurso acadêmico, também atravessei o período da pandemia do Covid19, complicando bastante minha trajetória acadêmica e pessoal, porque precisei

⁵ Normalmente, meu trajeto era de casa seguindo pelo ramal, andando aproximadamente 2,5 km, depois pegava o ônibus escolar ou de linha de Igarapé Miri. Na cidade, descia em frente ao Líder e caminhava até o campus, aproximadamente 1,5 km.

da internet e não tinha na comunidade, foi então que decidi ficar na cidade na casa de parentes, além de cursar a graduação remotamente por um tempo. Ainda, durante esse percurso formativo acabei me tornando pai e mudei de vez para a cidade.

Seguindo, trazemos os outros dois estudantes e seus desafios e aprendizados. Que ao pedirmos que relatassem um pouco da experiência como estudantes na UFPA, focado no contexto acadêmico, os mesmos foram unânimes em afirmar que ingressar e estar na Universidade foi um sonho realizado, vivido com os desafios e, superados, no decorrer do curso de graduação.

A D1 relatou que nunca pensou em está na UFPA, e ao ingressar viveu os dilemas relacionado aos horários das aulas, com o ir e vir de sua localidade, da mesma forma que o D3, autor deste trabalho. Porém, tal situação, não foi impedimento para a continuidade do curso, até porque segundo ela “Desafios, a gente sempre encontra. Eu vou dá o meu melhor. Eu sei que lá na frente todos os desafios, todas as dificuldades que eu passei, vão fazer a diferença” (D1).

Para o D2, seu percurso formativo foi resumido em fases. A primeira foi à questão financeira, para suprir coisas básicas como alimentação, transporte e comprar livros ou apostilas, conforme explica:

[...] eu moro em uma comunidade da cidade. Então, é preciso pegar ônibus de madrugada, às 5 horas da manhã. Acordar, muitas vezes, por debaixo de chuva no inverno, seguir o chão, caminho molhado de lama e esperar o ônibus na beira do ramal para chegar à universidade (D2).

Outra fase foi a de se relacionar com as pessoas de sua turma sentindo-se excluído.

Eram pessoas com realidades diferentes da minha, eu estava indo, e eu pertencia ali agora. Eram pessoas que não conheciam as dificuldades do estudante quilombola e da comunidade. Outras condições dentro de uma realidade, sem ter condições financeiras para estar ali (D2).

Havia um sentimento de não pertencimento àquele lugar. Esta fase segundo a discente foi porque “muitas vezes eu me senti que não fazia parte dali, estava num meio de um grupo que não pertencia. E isso me causava desânimo para continuar estudando” (D2).

As fases foram superadas conforme disse a discente, entre outros aspectos, graças ao apoio da Associação do Discente Quilombola (ADQ) no Campus.

Então, tinha uma sala dentro da UFPA em que podia acolher os alunos quilombolas, no horário de intervalo para uma conversa entre quilombolas. Nos encontrávamos, e assim a gente podia falar a nossa língua, que era a mesma língua, e sentia-me mais parte do grupo que pertencia, do que na minha turma (D2).

Além da ADQ, a discente mencionou também a atuação dos professores em sala de aula, que discutem muitos temas em seminários, eventos, e até falas importantes que ajudaram entender melhor o sentido e valor de estar ali buscando conhecimentos e lidando com toda aquela diferença.

O estudante (D3) retratou sua experiência de boas aprendizagens na Universidade e na comunidade, citando como desafio a violência e de nem sempre ter o pão de cada dia, sem contar que precisou a todo o momento se desviar de olhares racistas, preconceituosos, pois segundo ele “somos um grupo menosprezado”.

Outro desafio mencionado pelo estudante, foi com relação à convivência familiar que de certa forma dificultou a formação, pois ser negro estudante e ainda precisar trabalhar para ajudar em casa, é árduo e até dolorido. Assim, enfrentar os desafios postos, como já dito por outro/a discente, perceber/aprender o sentido de estar na UFPA e se encaixar. Para o D3, tratou de uma experiência bastante desafiadora, mas também esperançosa.

Muitas vezes eu chegava lá e pensava meu Deus do céu o que eu estou fazendo aqui? Será que eu vou conseguir? Será que eu sou capaz? Eu entrei pelo processo seletivo, que nem a outra pessoa, entendeu? Toda vez eu pensava em todo processo, o que eu passei a caminhada e conseguir finalizar o meu curso eram questões de cada semestre entendeu? Tudo pesa na consciência, mas a parte financeira pesa mais ainda (D3).

Os desafios pontuados pelo discente (D3), foram superados e com aprendizados que a Universidade lhe proporcionou. Passou a enxergar melhor as lutas dos movimentos sociais, dos movimentos quilombolas e da comunidade entre outras, compreendendo que estar na UFPA significa lutar para conseguir terminar o curso e ser um militante da questão negra, quilombola, de classe.

Em síntese, sobre os desafios vividos no percurso acadêmico, os discentes afirmaram além dos já mencionados a falta de recursos tecnológicos. O discente (D1) afirmou não possuir computador ou um celular bom para acessar em casa e fazer os trabalhos.

Outra pergunta da pesquisa, esteve relacionada à construção da identidade quilombola e acadêmica, dentro do curso superior na/da UFPA. Com base nos relatos dos três discentes, ficou nítido que a construção da identidade quilombola e acadêmica vem sendo materializada por meio de possibilidades e, também, de desafios. Para o D1, os desafios estão relacionados a conseguir se adaptar às condições postas pelo curso de pedagogia, se esforçando para adquirir conhecimentos, sem negar sua cultura. Enquanto

para o D2, a construção da identidade quilombola nem sempre se aprende na vivência do território quilombola, por isso como estudante buscou aprender “com histórias, com vivências de outros povos, de diferentes raças, de diferentes costumes”. Para esta discente, essa construção nem sempre é atribuição da Universidade, mas se aprende dia a dia, quem somos. E na Universidade buscamos entender nossa importância lá dentro, “e como somar para adquirir novos aprendizados”.

Já para o D3, a construção da identidade quilombola é aproximada com o que o discente anterior ressaltou, ou seja, se constrói desde o contexto familiar através dos conhecimentos tradicionais e culturais aprendidos, e na Universidade se relaciona com as teorias e os conhecimentos formais, e que ajuda nessa construção identitária quilombola. Para o D3, a universidade possibilita construir:

[...] a nossa identidade nos possibilita também conquistar o nosso espaço na sociedade, porque a gente sabe que não é de hoje que as comunidades quilombolas são grupos de pessoas que representam, muitas vezes, a maioria de uma sociedade que vem sendo criticada, julgada e taxada de menor, por pessoas do alto poder (D3).

Pelo depoimento do discente a Universidade possibilita também que os sujeitos quilombolas consigam aprender, compreender e resistir ao que a sociedade impõe, buscando seus espaços, direitos, valorizando sua cultura e uma identidade quilombola. Nesse sentido, ao longo dos anos as cotas raciais tem se mostrado “instrumento veloz de transformação da realidade de exclusão das pessoas negras do acesso ao ensino superior no Brasil” (Munanga, 2001, p. 34).

O que significa ser quilombola e está na UFPA, foi uma outra discussão tendo em vista a idéia do percurso acadêmico e formativo, relacionada, obviamente, a identidade quilombola e pessoal. Com os estudantes, tais enlaces passam por sentir-se orgulho pela caminhada, acessar direitos e usufruir conquistas. O discente (D1) explicou assim: “a representatividade, oportunidade de crescimento e de poder adquirir sempre mais e mais”. O discente (D2) falou que ser quilombola em uma Universidade como a UFPA, é ter a possibilidade de aprender sobre diferentes temáticas como a sua cultura, a cultura do outro, respeitando e valorizando ambas. Além disso, “aprender a lutar e buscar por direitos nunca antes imaginado, participar de eventos relacionado ao povo quilombola por meio da ADQ, onde tiveram momentos de reflexão a respeito do seu papel dentro da Universidade, entre outros” (D2).

O discente (D3) acredita que ser quilombola e está na UFPA, se resume na “conquista grandiosa nunca antes imaginada, através de lutas que o povo negro realizou

há vários séculos atrás, lutas das comunidades de remanescentes quilombolas entre outros”.

Em outras palavras, ser quilombola e está na UFPA significa fazer resistência a favor da diversidade, da equidade e do direito à educação a todas as pessoas e, marchar a favor da diferença e contra qualquer tipo de discriminação ou algo similar.

Seguindo, a próxima indagação tratou da representação de estudantes quilombolas na UFPA. Foram respostas que apontaram para uma representatividade significativa e insuficiente. Justificaram que a representatividade quilombola na UFPA ainda é escassa, embora tenha crescido bastante bem como acentuaram que a representatividade tem sido garantida pela ADQ, a qual promove eventos situando modos de viver, as identidades e a cultura quilombola. Algo gratificante, pois com esse crescimento “estamos mostrando para o mundo que a gente tem também o nosso valor, como estudante, como pessoa quilombola, como representação de uma comunidade, e tudo isso é muito importante” (D3).

Asseveram os estudantes envolvidos na pesquisa, que a inclusão de quilombolas na graduação é importante tanto para a sociedade como para o território quilombola, para família e para a própria pessoa que ingressa. Destacam os estudantes, que a questão da diversidade e da justiça social, embora, ainda precise lutar para se tornar uma realidade mais presente. É uma “porta de possibilidade, de oportunidade para que essa pessoa que deseja estudar possa ser incluída, possa se sentir incluído dentro do curso, dentro da universidade, em qualquer curso da graduação” (D2). Por isso essa inclusão também é importante para a construção de conhecimentos aos quilombolas, no sentido de um retorno “para a própria comunidade como professor, como educador ou como assistente social, seja numa escola, seja num posto de saúde. Então tudo isso é muito importante” (D3).

Quanto à contribuição da UFPA nesse processo acadêmico, formativo e na questão do reconhecimento étnico, os discentes consideram que tem sido bastante positivo, pois possibilitou o crescimento em relação ao entendimento acerca dos grupos étnicos e minoritários, fortalecendo a auto identificação e o auto reconhecimento de quilombolas, por exemplo. “Dentro da universidade me fizeram crescer, amadurecer no meu próprio reconhecimento (D2).

O (D3) concorda com os discentes, destacando que precisa melhorar trazendo mais vivências e a cultura dos povos quilombolas, pois esses dois quesitos são

materializados na Universidade apenas “em comemorativas como o dia da consciência negra, e a Universidade precisa vivenciar mais sobre a história negra, os quilombos e quilombolas, e outras lutas que a gente vivencia. Eu acho que deve ser trabalhado muito mais” (D3).

Sobre o reconhecimento étnico quilombola na sua formação acadêmica, os discentes responderam que esse reconhecimento étnico se dá em diferentes dimensões e espaços, no contexto de sala de aula, nas vivências nos territórios e na própria ADQ.

As discentes D1 e D2 sinalizam que esse reconhecimento étnico aflora a partir dos conhecimentos no contexto universitário, por meio das aulas, eventos, estudos.

Também, se dá nas vivências da comunidade.

Fui me identificando, aprendendo e compreendendo que ser quilombola é muito importante né. E tudo isso sairia agregar em minha formação como pessoa, como futuro professor, e isso é muito importante, não só por me identificar como quilombola, mas também poder repassar para outras pessoas (D3).

São conhecimentos que a universidade nos possibilita, que incrementa e enriquece quem nós somos, ajuda a entender nosso valor, ajuda a entender a importância da nossa luta e quem nós somos na sociedade de verdade e nossa importância (D2).

Com isso, a função social da Universidade é ser canal desse reconhecimento étnico quilombola. Para que os discentes assumam sua cultura e identidade. Para Oliveira (2005, p. 06) “Contrariamente ao conhecimento, que é um ato cognitivo não público, o reconhecimento depende de meios de comunicação que exprimem o fato de que outra pessoa é considerada como detentora de um ‘valor’ social”. Assim, a importância de se reconhecer diz respeito ao valor do território, de estar na Universidade e de legitimar a afamada igualdade para todos. “Isto quer dizer que a identidade étnica agrupa, agrega, unifica, malgrado a diferença dos ecossistemas e, com eles, a presença de alguma variação cultural interna à etnia” (Oliveira, 2005, p. 21).

Ainda, sobre que retorno educacional, os discentes afirmaram da real importância. O discente D1 declarou que a formação em pedagogia, lhe possibilitará compartilhar conhecimentos e inspirar novas gerações. Os discentes (D2) e (D3) declararam que:

Contribuir com os conhecimentos adquiridos e pôr em prática na escola da comunidade e fortalecer a política da educação quilombola. Vou poder me aperfeiçoar buscando especialização, e desenvolver o trabalho na área da educação, e dessa maneira fazendo a minha comunidade avançar (D2).

O retorno educacional que quero dá na comunidade é ensinar ler e escrever, para que eles possam se identificar e também ter consciência de ser uma pessoa

ser quilombola. Incentivar outras pessoas a estudar, fazer a sua graduação, que é importante. E o outro retorno, destaco também o que falei na minha entrevista no processo seletivo, de poder retornar pra minha comunidade como professora formada pela universidade, pela UFPA que é a maior do norte (D3).

Como se pode observar os discentes revelam um retorno à comunidade ligado ao seu desenvolvimento e ao de outras pessoas. Transmitir a importância da leitura e escrita, assim como de auto declararem sujeitos quilombolas, do reconhecimento étnico, e dessa forma fortalecer a política de educação quilombola.

Constatamos por meio dos vários depoimentos dos estudantes que os desafios são inúmeros, vão desde o processo seletivo de ingresso na Universidade, passa pela caminhada no curso e se estende à expectativa após a conclusão do curso. No entanto, os estudantes lutam diariamente nessa travessia formativa e acadêmica, sustentada pela esperança de dias melhores. Os discentes D2 e D3, revivendo suas memórias, e ao mesmo tempo, em caminhada sustentada na esperança, expõem:

Tem que ter audácia e ser audacioso para insistir, para não desistir, porque é difícil para um quilombola que enfrenta situações financeiras precárias, e já vive precariamente ainda ter que pegar um ônibus todo dia, às vezes, não ter dinheiro. E para concluir uma graduação, tem que ter sonho, pé no chão, porque senão fica no meio do caminho, porque a trajetória não é fácil (D2).

[...] a gente persiste né, a gente luta e vai buscar concluir. Eu estou precisando concluir e passei por várias coisas. Tenho certeza que quando chegar ao fim eu vou agradecer e vou dizer que valeu tudo a pena essas dificuldades, o choro, a tristeza e, as alegrias, que também ainda estão por vir (D3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar o processo de formação na graduação de quilombolas da comunidade Ramal do Bacuri na UFPA, em interface ao reconhecimento étnico e da pessoa. Nesse contexto, discutimos a importância do Processo Seletivo Especial (PSE) para a inclusão de quilombolas no ensino superior, revelando como essa política é fundamental para garantir o acesso e a permanência desses estudantes na universidade. Neste aspecto, ficou evidente que esses desafios vão além das dificuldades financeiras e estruturais. São desafios, também, da ordem identitária e social, fazendo com que os estudantes aprendem e se reestruturem como sujeitos e possam enfrentar as realidades da formação.

Identificamos que os desafios desse processo formativo envolvem o reconhecimento étnico e da pessoa durante a sua formação acadêmica, sendo uma bandeira a resiliência no enfrentamento das adversidades. Até porque envolve “as situações de racismo institucional por parte de professores, técnicos e alunos, a discriminação e a baixa qualidade da educação básica que receberam” (Amoras *et al.*, 2022, p. 39).

Os desafios da caminhada formativa se estendem pelo menos, por quatro anos, e todos os dias como estudantes precisam demonstrar aos outros se para si, que são capazes de estar ali fazendo valer seus direitos, resistindo ao racismo, ao preconceito. Além disso, lidar com as expectativas do após, ou seja, o que virá com a conclusão do curso.

Destaca-se como possibilidade dentro do contexto universitário para a formação de estudantes quilombolas, e com base nos relatos ficou evidenciado o apoio da ADQ no Campus, que acolhe e orienta os discentes quilombolas, de forma que se sintam seguros e pertencentes ao contexto da Universidade, como sujeitos de direitos.

Além disso, a pesquisa ressaltou a importância de políticas públicas voltadas para a inclusão e permanência desses estudantes no ensino superior. É fundamental que as instituições de ensino reconheçam e valorizem a diversidade cultural, promovendo um ambiente mais acolhedor e acessível.

A superação dos desafios enfrentados evidencia, entre tantos aspectos, a força da comunidade quilombola como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORAS, Lilian Kelly Oliveira. **Dificuldades de quilombolas aprovados no Processo Seletivo Especial da UFPA Castanhal em permanecer/concluir o curso.** Monografia apresentada à Universidade Federal do Pará – (Graduação em Licenciatura em Pedagogia. UFPA: Castanhal-PA, 2018.

AMORAS, Maria; GAYOSO DA COSTA, Solange Maria; FERRO DA SILVA, Derick Luan. Educação superior e a permanência de estudantes indígenas e quilombolas na UFPA. *Revista Interethnica*, v. 23, n. 1, p. 38-71, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Interethnica/article/view/21822>. Acesso em: 24 jan. 2025.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial [recurso eletrônico]: Lei nº 12.228, de 20 de julho de 2010**, e legislação correlata. – 3. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 120 p. – (Série legislação; n. 115).

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716compilado.htm. Acesso em: 21 ago. 2021.

CAMPOS, Laís Rodrigues. **Do Quilombo à Universidade: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará - Campus Belém quanto à permanência.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **O mundo e a diversidade: questões em debate.** Estudos avançados 36 (105), 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7dxnhTYxMskypKpS6FcW98L/?Format=pdf> acesso em: 21/04/2025.

PROCESSO SELETIVO ESPECIAL- PSE 2018-1. Disponível em: <<http://ceps.ufpa.br/arquivos/pse/PSE%2020181/editais%20avisos/EditalAberturaPSE2018-1.pdf>>.

PROCESSO SELETIVO ESPECIAL- PSE 2023. 1. Disponível em: <https://www.ceps.ufpa.br/index.php/pse-2023-1> acesso em: 12/02/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Comissão Permanente de Processos Seletivos. **Edital N° 6/2018. 26 de outubro de 2018. Processo Seletivo Especial, 2019.** Disponível em: <[HTTPS://ceps.ufpa.br/index.php/pse-ufpa-2019-1](https://ceps.ufpa.br/index.php/pse-ufpa-2019-1)>. Acesso em: 25 maios 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral.** Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 9, vol. 16(2), p. 9-40, 2005.